

HOMENAGEM AO PROFESSOR JOSÉ LUIZ MOTA MENEZES

George F. Cabral de Souzaⁱ

“Tudo em nós é mortal, menos os bens do espírito e da inteligência.”

Ovídio



Figura 1. José Luiz Mota Menezes. Palestra na Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, Monte Guararapes, Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. 2016. Foto: George Souza, 2016.

Conheci José Luiz Mota Menezes (Pilar, AL, 19/03/1936 – Recife, PE, 06/09/2021) no Instituto Arqueológico, no ano 2001, quando iniciei minhas pesquisas para o mestrado. Como sói ocorrer, em pouco tempo me vi completamente rendido a envolvente figura daquele senhor pequenino e falante que era então o presidente do sodalício. Naquela altura, Mota Menezes e o corpo diretivo se empenhavam para tornar o acervo do IAHGP mais acessível ao público interessado.

ⁱ Docente do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: george.csouza@ufpe.br

Tranquilamente elétrico, ou agitado sereno, José Luiz imprimia um novo ritmo ao Arqueológico. Não posso deixar de registrar que essa abertura foi fundamental para que eu pudesse ter contato com a documentação que lastreou meus trabalhos de mestrado e doutorado. Já isso seria suficiente para que minha gratidão a José Luiz fosse perene, mas a amizade que nasceu ali, no ambiente das conversas sobre história, arquitetura, genealogia e arte, permitiu que, a partir daquele momento, eu pudesse aprender permanentemente com ele.

José Luiz tinha entre suas numerosas qualidades, uma que é muito rara de encontrar. Ele conseguia aliar sua capacidade de gestão, cultivada especialmente nos cargos que exerceu na Universidade Federal de Pernambuco, com uma profundíssima erudição, ou seja, mesmo sendo puxado para dentro da pesada máquina burocrática, ele nunca deixou de cultivar os saberes de seu mister. Por isso, desenvolveu a capacidade de pensar soluções simples e efetivas para problemas complexos, sem perder jamais, a densidade. Ao aliar os dois elementos, ele conseguia dar asas a utopia humanista sem perder o contato com a realidade pragmática da vida, desempenhando exemplarmente e com celeridade suas funções administrativas, mas sem perder a sensibilidade para o belo, o espiritual e o humano. Considero esse um ensinamento importante pois, muitas vezes, imbuídos do espírito humanista e utópico e das melhores intenções, acabamos nos desconectando da realidade que exige soluções eficientes, ainda que não sejam as soluções ideais.

Nosso saudoso amigo possuía uma vontade infatigável de aprender. Era absolutamente onívoro em termos intelectuais. Transitava com desenvoltura e sem preconceitos pela história universal, artes, história da arte, música, filosofia e pelas religiões, tendo inclusive estudado muito as orientais, mormente as da Índia. Seu apetite intelectual se reflete na formação de uma das melhores bibliotecas privadas do Brasil, com milhares de títulos (alguns raríssimos) de arquitetura, história e arte. José Luiz se orgulhava muito de sua coleção de tratados antigos de arquitetura, especialmente os relativos à arte da fortificação nos séculos XVI e XVII. Ao contrário do que costuma ocorrer com alguns bibliófilos, que se comportam um tanto quanto somiticamente em relação as suas bibliotecas, José Luiz não se negava a compartilhar os tesouros cuidadosamente recolhidos em sua livraria. Centenas de vezes testemunhei ele agendar com estudantes, professores e pesquisadores visitas a sua casa-biblioteca-escritório no Cordeiro. Ele pessoalmente separava as publicações que podiam interessar aos que demandavam sua ajuda e se sentia extremamente contente em poder compartilhar o manancial de saberes contidos naqueles volumes. Chegou a cogitar montar uma sala de aula em sua casa

para ministrar cursos em parceria com o Instituto Arqueológico. Era, portanto, à sua maneira, um verdadeiro educador. Seus ensinamentos e conselhos foram essenciais na formação de gerações inteiras de profissionais de diversas áreas.

Ressalto aqui que foi professor do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, durante muitos anos, num momento no qual a áreas de História e Arqueologia ainda estavam conjugadas em um único curso, tanto na graduação como na pós-graduação, o que lhe permitia transitar com liberdade e desenvoltura nas orientações de trabalhos entre a História, a Arquitetura e a Arqueologia. Recordo que ele orientou a tese de doutorado daquele que era então meu orientador de iniciação científica (que eu fiz em Arqueologia, transferindo-me depois para a História), o Prof. Marcos Albuquerque. De forma que desde minha tenra infância acadêmica, José Luiz já era nome frequente nas discussões científicas.

Destaco em José Luiz a total ausência de reacionarismo aos avanços das novas tecnologias. Ao invés de se queixar ou se afastar das novidades como, às vezes ocorre com as pessoas de mais idade, ele se apropriava rapidamente delas, e uma vez constatada sua funcionalidade, as adotava. Caso percebesse que não representavam um ganho efetivo de funcionalidade, as criticava apontando as razões pelas quais rejeitava tal ou qual ferramenta. Suas críticas às tecnologias que tanto estão mudando nosso mundo, quando ocorriam, eram sempre pautadas por alguma justificativa epistemologicamente plausível. Queixava-se, por exemplo da, excessiva aceleração dos ritmos cotidianos, pois isso nos impedia de observar o mundo no qual vivemos, e sem essa observação calma, atenta, não é possível compreender coisa alguma.

José Luiz nos alertava que nessa sociedade acelerada, presentista e consumista são desestimados quaisquer ensinamentos procedentes do passado, ou seja, ele criticava o fato de vivermos numa sociedade que cada dia mais se convence de que o passado não tem nada a ensinar, que devemos nos encharcar de consumo no presente, enquanto nem se olha mais com esperança para o futuro porque querem nos fazer acreditar que o futuro já chegou.

Para demonstrar a importância de compreendermos o nosso passado e de preservar o nosso patrimônio comum compartilhado, José Luiz dedicou uma parcela expressiva de sua vida a escrever e publicar textos de extrema relevância para nossa área do saber. Alguns desses textos continuam inéditos ou apenas parcialmente publicados. Destaco aqui a nova versão de seu *Atlas Cartográfico do Recife* e o totalmente inédito *Atlas Arqueológico*, verdadeiro inventário de uma cidade que desapareceu na superfície, mas que continua à espera de quem a resgate das

camadas internas da epiderme urbana. Urge envidar esforços para que todo esse material seja disponibilizado ao público. Durante os meses da pandemia nos quais esteve recluso, José Luiz finalizou cerca de 13 títulos novos.

Viveu plenamente e deixou para tratar da morte apenas no último momento. Evitava os funerais. O que podia parecer um medo da morte, para mim, na verdade era uma atitude condizente com a exortação de Brecht: “Temam menos a morte e mais a vida insuficiente.” José Luiz dizia sempre que só iria ao seu próprio enterro porque não tinha como escapar desse compromisso. Mas sua grandeza era tamanha que para nós, seus amigos e companheiros, esse compromisso jamais seria marcado. Para nós, Zé era e é um verdadeiro imortal. Está imortalizado em suas obras e em seus amigos e discípulos.

Escreveu José Saramago em seus *Cadernos de Lanzarote*: “O que extingue a vida e os seus sinais, não é a morte, mas o esquecimento. A diferença entre morte e vida é essa.” Nessa perspectiva o nosso Zé jamais morrerá. Sua marca em nossas vidas e na nossa cidade são tão grandes que ele jamais será esquecido. A maior homenagem que podemos fazer a nosso pranteado amigo é nos empenharmos cada vez mais na defesa da nossa história e do nosso patrimônio, numa perspectiva plural, humanista e democrática.

Olinda, dezembro de 2021

Bibliografia

Artigos em Periódicos

MENEZES, J. L. M. 2017. Reflexões sobre os conceitos do restaurar e reconstituir. Revista Noctua: Arqueologia e Patrimônio. v.2, n.2. p.4-10.

MENEZES, J. L. M. 1994. Igreja dos Santos Cosme e Damião em Igarapu. Revista Clio - Série Arqueológica, Recife, v. 10, p. 61-79.

MENEZES, J. L. M. 1987. Artífices Pardos e Negros em Pernambuco. A mão negra do Brasil. Brasília.

MENEZES, J. L. M. 1984. Mosteiro de São Bento - Olinda - 400 Anos. Mosteiro de São Bento de Olinda 400 Anos, Recife, v. único.

MENEZES, J. L. M. 1984. Dois Monumentos Século XVI - Pernambuco. Boletim da Cidade do Recife. n. 1., Recife PE, v. 1.

MENEZES, J. L. M. 1980. Algumas Notas a Respeito da Viagem do Imperador D. Pedro II a Pernambuco. Revista do Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco, Rio de Janeiro. v. XLX

MENEZES, J. L. M. 1977. Eglise de N. Dame da Graça et Royal Colege du Jesuites - Olinda. Icomos, Paris França, v. 1.

MENEZES, J. L. M. 1977. Convento Franciscano de João Pessoa - Paraíba. Revista Universitas, Salvador, v. 17.

MENEZES, J. L. M. 1976. Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres - Guararapes – Jaboatão. Revista do Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco v. XLIX.

MENEZES, J. L. M. 1974. Bens Culturais - A Propósito de Sua Preservação. Revista da UFPE. Recife.

MENEZES, J. L. M. 1970. Igreja de Sao Pedro dos Clérigos Recife. Revista Universitas, Salvador, v. 10.

Livros publicados

MENEZES, J. L. M. 2015. Ruas sobre as águas. As pontes do Recife. 1. ed. Recife: CEPE.

MENEZES, J. L. M. 2015. Mobilidade Urbana no Recife e seus arredores. 1. ed. Recife: CEPE.

MENEZES, J. L. M.; GALVÃO, T. 2011. Minha Alma a Deus, meus bens aos herdeiros.

MENEZES, J. L. M.; FONSECA, E. N. da; MACHADO, J.; DANTAS, L. VILACA, M. V.; CALHEIROS, S. C. 2011. Linda Olinda. 1. ed. Caleidoscópio, 208p.

MENEZES, J. L. M. 2004. Eu, Maurício: os espelhos de Nassau. Recife PE: Instituto Cultural Bandepe, 2004.

MENEZES, J. L. M. 2003. Desenhando a terra. Recife: Banco Real, 2003. 80p.

MENEZES, J. L. M. 2002. Nova York Nasceu em Pernambuco. Recife: Amro Bank - Bandepe, 2002. 70p.

MENEZES, J. L. M. 1999. Le Baroque au Pais du sucre, 350p.

MENEZES, J. L. M. 1986. Palácio do Campo das Princesas. Recife: Pool Editorial.

MENEZES, J. L. M. 1985. Atlas Histórico e Cartográfico do Recife. Recife: Massangana.

MENEZES, J. L. M. 1985. Sé de Olinda - Sua Restauração. Recife PE: Fundarpe PE.

MENEZES, J. L. M. 1985. Algumas Notas A Respeito da Evolução Urbana de Joao Pessoa. João Pessoa Paraíba: Pool Editorial, 50p.

MENEZES, J. L. M. 1984. Fortaleza de Santa Catarina - Cabedelo - Paraíba. Recife: Pool Editorial, 36p.

MENEZES, J. L. M. 1976. Dois Monumentos do Século XVI Em Pernambuco. Recife: PMR.